

TESSITURAS DA FÉ: SACRALIDADE E ESTETIZAÇÃO DO VESTUÁRIO NAS FESTIVIDADES À BOA MORTE

*Tessitures of the Faith: Sacrality and the Establishment of the Clothing in the
Festivities of Boa Morte*

Ribeiro, Vanhise da Silva; Mestre em Ciências Sociais;
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia,
hiseribeiro@yahoo.com.br¹

RESUMO: Este estudo consiste na percepção de aspectos do vestuário que paramenta, significa e expressa a vida cultural da Irmandade da Boa Morte de Cachoeira-Ba. Suas adeptas possuem dupla pertença religiosa: são devotas de Nossa Senhora e fiéis aos orixás do candomblé. Portanto, desenvolve-se um estudo antropológico que analisa o vestuário utilizado pelas irmãs nos festejos à Boa Morte e as dinâmicas de construção de sentidos.

Palavras-chaves: Vestuário, Aparência, Boa Morte.

Abstract: This study consists of the perception of aspects related to the clothing the garment that wears, means and express the cultural life of the Brotherhood of the Boa Morte of Cachoeira-Ba. Its adherents have a double religious affiliation: they are devout of Our Lady and faithful to the orixás of candomblé. Therefore, an anthropological study is developed that consists in analyzing the clothing used by the sisters, considering their dynamics of sense construction.

Keywords: Clothing, Appearance, Boa Morte.

Introdução

Nos estudos culturais, o privilégio dado ao entendimento das diversas formas de cultura, apreendida numa dimensão mais ampla, ganha ainda mais importância na contemporaneidade, na medida em que problematizações da cultura perpassam os domínios do popular, salientando as mais variadas e complexas formas de expressão da cultura de um dado contexto social.

Nesse sentido, a pertinência dos estudos voltados para os aportes culturais atrela-se ao fato de que a produção cultural evidencia, em grande medida, as construções simbólicas e/ou identitárias, revelando as diversas práticas e formas de expressão de uma cultura.

Muito embora o vestuário tenha, por muito tempo, sido alvo de concepções simplistas, podemos afirmar que vestir o corpo implica, dentre

¹ Bacharel em Comunicação Social (2010) e Mestre em Ciências Sociais (2017) pela UFRB. Desenvolve pesquisas na área de Moda, com ênfase na dimensão simbólica, afetiva e sociocultural do vestuário. É autora do documentário Vestes Vibrantes, Mulheres Fascinantes, 2010 e coautora do livro de As Vestes da Boa Morte (EDUFRB), 2015.

outras acepções, atribuir sentido, compartilhar códigos, atuar no campo das simbologias, reforçar condutas e comportamentos, expressar cultura.

Mais do que um esforço em problematizar o vestuário, enquanto um dado da cultura, busco neste trabalho, me aproximar da sua dimensão social e, em parte, da sua dinâmica, demonstrando a sua estreita correlação com as experiências individuais e coletivas processadas por uma corporação religiosa, formada exclusivamente por mulheres negras.

Portanto, compreendo a dimensão sociocultural do vestuário da Boa Morte de Cachoeira, no corpo a corpo da sua práxis, na correspondência com as realizações materiais e espirituais dessa confraria, ao longo de quase dois séculos de existência. Seja num plano concreto ou imaterial da cultura, me apoio na compreensão dessa indumentária a partir das relações, dos pontos de vista e dos esquemas de interpretação do mundo social, do *modus operandi* como é concebida, produzida, experimentada e (re)significada.

Partindo da vivência em campo, busquei visualizar aspectos da cultura a partir do vestuário, por acreditar que a roupa (tomada como peça identificadora de uma coletividade e/ou de um dado momento socio-histórico e cultural), não apenas expressa, mas constrói e consolida modos próprios de existência.

Para isso, cabe a este estudo compreender a vestimenta e seus usos, na sua correspondência com as memórias e práticas de uma dada coletividade, uma vez que se reconhece a relação do vestuário com os modos de vida, usos e concepções de determinados grupos sociais.

Vestir o corpo é um ato enraizado em nossa cultura e, nem por isso, nos atentamos para as suas imposições e possibilidades (CIDREIRA, 2005). Corpo e vestimenta supõem uma estreita correlação, que vai além das noções comumente difundidas, que seriam, conforme Cidreira (2005): 'pudor, proteção, ornamentação. Pudor para esconder a nudez, a proteção contra as intempéries, e o adorno para se fazer nota'. (CIDREIRA, 2005, p. 39).

Para MacLuhan (1964), o vestuário está implícito na nossa cultura corporal, chegando a ser considerado como extensão de nossa pele, mecanismo que controla termicamente o nosso corpo, mas também pode ser visto 'como um meio de definição do ser social' (MACLUHAN, 1964, p.140).

Para além da capacidade social e expressiva do vestuário, reconhece-se a relação simbiótica tecida entre o homem e a tecnologia, entre a pele e o vestuário que, contudo, não se configura como um ajustamento harmônico e coeso. Assim, embora o vestuário incorpore algumas características corporais, não deixa de estabelecer com o corpo uma relação que apela aos nossos sentidos, já que pesa, constrange, liberta, restringe, limita, comove, aflige, revigora, enfim, provoca sentidos diversos, que afirmam novas posturas, nova ambiência e, inclusive, uma nova atuação do eu.

De fato, seja pelo hábito ou costume que se perpetua culturalmente, pelo condicionamento e constrangimento que causa ao corpo em determinados momentos ou pela potencialidade que confere a ele ao cobri-lo, protegê-lo, ou mesmo torná-lo visivelmente adornado e atrativo, a conexão entre corpo e vestimenta é mútua. Ambos se relacionam plasticamente nesse movimento, chegando mesmo a eternizar presenças.

Para Stallybrass (2004) a roupa tem o poder de materializar presenças, de carregar a forma de quem a vestiu, o cheiro, os desgastes, as manchas, servem como meios de reanimar memórias, épocas, circunstâncias, aspectos sociais e também afetivos. 'Ao pensar nas roupas como modas passageiras, nós expressamos apenas uma meia-verdade. Os corpos vêm e vão: as roupas que receberam esses corpos sobrevivem' (STALLYBRASS, 2004, p.10).

Nessa relação entre corpo e roupa, reconhecemos nas cenas do cotidiano e no ato corriqueiro de vestir o corpo e de significá-lo, a capacidade expressiva do vestuário e a sua correlação com os costumes, com os valores, memórias, afeições e estilos de vida. Para Maffesoli (1996), o entrelaçamento entre corpo e roupa resulta numa forma única, ou melhor, num modo peculiar de ser '(...) o vestuário e os costumes estão ligados. É nesse sentido que a forma faz o corpo social' (MAFFESOLI, 1996, p. 173).

Dentro dessa perspectiva, buscou-se nesta pesquisa compreender os comportamentos, códigos e símbolos processados, apreendidos e (re)significados nas festividades à Nossa Senhora da Boa Morte de Cachoeira²,

² Tendo em vista a peculiaridade das manifestações religiosas e culturais das irmandades existentes na Bahia que cultuam a Boa Morte é preciso elucidar que esta pesquisa trabalhará especificamente com a Boa Morte de Cachoeira, atendo-se aos signos e ritos professados por esta confraria.

trazendo à baila a relação entre sacralidade e estetização do vestuário, na dinâmica da ordem sociocultural processada por esta irmandade.

A Festa da Boa Morte de Cachoeira é um dos maiores eventos públicos de cunho litúrgico-festivo, que anualmente atrai uma gama de turistas ao Recôncavo Baiano. O vestuário utilizado pela Irmandade da Boa Morte no mês de agosto, durante os festejos à Nossa Senhora é um espetáculo à parte. Sua esteticidade e beleza cumprem ritos significativos dentro da concepção religiosa dessa confraria.

O vestuário da Boa Morte é debitário da relação complexa e tênue existente entre candomblé e catolicismo, religiões que norteiam os rituais de fé e devoção dessa Irmandade, como também é reflexo das relações socio-históricas e culturais, que contribuem para a imagética dessa congregação.

Por isso, buscou-se nesta pesquisa, analisar os aspectos de cunho sagrado e estético do vestuário das irmãs da Boa Morte, salientando a correspondência desses trajes aos modos de vida das devotas dessa Irmandade, demonstrando que a roupa não apenas expressa coletividades, mas participa dos processos de autoconstrução e afirmação das mesmas.

Assim, aborda-se aspectos socioantropológicos responsáveis pela composição da aparência dessa Irmandade. O método etnográfico, elegido nesta pesquisa, que visa a observação e interação sistemática junto aos atores sociais, demonstrou não apenas a importância do vestuário nos festejos à Boa Morte, mas os sentidos que o mesmo suscita, o trânsito que realiza com os corpos femininos dessa instituição e as tramas sociais que desencadeia.

Reconhecendo a multiplicidade de sentidos³ e a expressividade que o vestuário possui nos louvores à Boa Morte, essa etnografia buscou dar conta das qualidades sensíveis da indumentária estudada. Assim, não coube a esse estudo observar e descrever meramente o *corpo vestido* que transita adornado numa festividade, mas seus modos, seus gestos, seus sentidos e suas articulações, aspectos apreendidos empiricamente em campo, sob a

³ Recorremos aqui aos diversos sentidos acessados pelo homem, as quais me aproprio para pensar no próprio campo. Consideramos que a roupa apela aos nossos sentidos, sejam eles: visuais, táteis, olfativos e palatáveis.

perspectiva de quem os percebe enquanto *corpo próprio*⁴ e que, por essa razão, encontra-se implicado nessa experiência e diálogo entre corporalidades.

Para tanto, fomentou-se nesta análise, o entrelaçamento das Ciências Sociais com o pensamento fenomenológico, empreendido pelo filósofo e psicólogo francês Maurice Merleau-Ponty, principalmente no que se refere à noção de *corpo como fundamento de nossa experiência no mundo*, lugar de apropriação do sentido do mundo. Segundo o autor, o nosso corpo se constitui como um exemplar sensível e, portanto, pode atuar no trânsito de nossas experiências com o outro e com o mundo (MERLEAU-PONTY, 2006).

Merleau-Ponty (2006) acredita que todo o conhecimento humano brota da capacidade sensitiva de sua corporeidade. Nada escapa à ação perceptiva do homem, 'o corpo é o veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles' (MERLEAU-PONTY, 2006, p.122).

Como podemos notar, o homem não é puramente consciência, é também corpo e, como tal, constrói a sua compreensão do mundo, com base nos processos sociocorporais de sua existência. Recuperando David Le Breton (2007) no que tange aspectos da corporeidade e das formas de conhecimento do mundo, o sociólogo, antropólogo e psicólogo francês, retoma concepções fundantes de duas obras de Maurice Merleau-Ponty em, *Fenomenologia da Percepção (1945)* e *O Visível e o Invisível (1964)*, ressaltando a dinâmica das percepções sensoriais na relação entre corpo e espaço.

Na obra *El sabor del mundo – Una antropología de los sentidos*, Le Breton (2007), admite o envolvimento do homem e sua ação sobre o mundo a partir do corpo, sendo o corpo, a condição humana do conhecimento. Na sua crítica à concepção cartesiana⁵, afirma: '*Sinto, logo existo*', pois compreende o corpo como lócus de sentidos, com o qual acessamos o mundo e passamos a conhecê-lo. 'El mundo es la emanación de un cuerpo que lo penetra. (...) Antes del pensamiento, están los sentidos' (LE BRETON, 2007, p. 11).

⁴ Noção desenvolvida pelo filósofo Maurice Merleau-Ponty na primeira parte da obra *Fenomenologia da Percepção*, intitulada: *O Corpo*. (2006, p.103-110). O autor utiliza esse termo como forma de restituir ao corpo a sua ligação com o mundo, ou seja, capacidade fundadora de propiciar ao homem toda e qualquer condição real de acesso ao mundo.

⁵ Concepção fundada pelo movimento intelectual que tem origem no pensamento filosófico de René Descartes (1596 - 1650). O filósofo e matemático francês é considerado o fundador da filosofia moderna, tendo marcado o movimento iluminista ao colocar a razão humana como única forma de existência, sua célebre frase "Cogito, ergo sum" (Penso, logo existo) aparece na tradução latina *Discours de la Méthode* (1637).

Constituindo as bases de uma antropologia dos sentidos, Le Breton (2007), reconhece a diversidade de percepções nas mais variadas sociedades e épocas, e acredita que cabe ao antropólogo a função de se colocar como outra percepção, tentando compreender as trocas, os agenciamentos e os significados das relações sociais, que se impõem a determinados contextos.

Essa afetação pôde ser amplamente experimentada em campo, nas situações que permeiam o uso do vestuário religioso da Irmandade da Boa Morte. Nas interações que mantive com as irmãs, em momentos rituais e festivos, pude vivenciar a importância para essas mulheres do culto à Nossa Senhora, percebendo o quão simbólico e sagrado é também o vestuário e seus adereços, que de forma contextual, pressupõem respeito, reservas, interdições e mesmo uma ligação divinal, que envolve fé e devoção e que, no mínimo, nos requisita uma outra forma de experimentar e vivenciar o campo.

Portanto, compreender o vestuário da Boa Morte não se trata de um mero empreendimento discursivo e pormenorizado de suas vestes e adereços, mas da busca dos significados contextuais, contidos nos comportamentos, nos ritos, nos gestos e nas performances que essas mulheres desempenham.

Saliento que o meu contato e minha vivência em campo, assim como as minhas percepções para com os sujeitos e objetos pesquisados foram sempre consideradas, mantendo o devido diálogo com as configurações de sentidos, frequentemente acionadas pelas irmãs da Boa Morte no comportamento, na aparência e no gestual dos atos festivos e religiosos dessa confraria.

Com base nessas proposições, busquei compreender o repertório sociocultural dessas mulheres, suas concepções de mundo, percepções, práticas e experiências, que vão desde compreensões de foro íntimo a atitudes e práticas coletivas, respaldadas pelo modo como vivenciam e experimentam o mundo ao seu redor; na relação dialógica entre corpo e vestimenta.

Modas e Modos: a vestimenta como expressão sócio-histórica e cultural

Sobre as irmandades religiosas podemos afirmar que se tratam de reminiscências do catolicismo barroco. Para Lessa (2012, p.55), 'as confrarias são associações religiosas nas quais se reuniam os leigos do catolicismo

tradicional'. Divididas em Irmandades e Ordens Terceiras⁶, ambas são de origem medieval. Estas, 'existiam em Portugal desde o século XIII pelo menos, dedicando-se a obras de caridade, voltadas para os seus próprios membros ou para pessoas carentes não associadas' (REIS, 2012, p.49).

Longe de representar uma organização religiosa restrita a Portugal, Reginaldo (2011), afirma que as confrarias religiosas espalharam-se por todo território, inclusive as confrarias de negros, 'criadas em todas localidades que concentraram populações de origem africana' (REGINALDO, 2011, p.81).

No Brasil, as irmandades fomentaram o projeto missionário do catolicismo ibérico, que dentre outras funções buscava, segundo Lessa (2012), 'manter o *status quo*, ajudar o Estado para que o sistema colonial escravista desse certo e o negro aceitasse a sua condição de escravo' (LESSA, 2012, p.59). As irmandades negras por sua vez, souberam utilizar a seu favor o uso desses espaços, promovendo de modo consciente ou não, práticas católicas que, todavia, possuíam fortes referências com aspectos culturais africanos.

A noção de morte possui grande correspondência com a cultura africana, mas também se trata de um conceito caro aos portugueses, que em geral, sempre se encarregaram de preparar bem seus mortos. Segundo Reis (2012), há nesse sentido, grande proximidade entre africanos e portugueses.

Tanto na África como em Portugal, os vivos _ e quanto maior o número destes melhor_ muito podiam fazer pelos mortos, tornando sua passagem para o além mais segura, definitiva, até alegre, defendendo-se de serem atormentados por suas almas penadas. Espíritos errantes de mortos circulavam tanto em terras portuguesas como africanas. Para protegerem-se e protegerem seus mortos desse infeliz destino, portugueses e africanos produziam elaborados funerais, o que os tornava mais próximos uns dos outros do que, por exemplo, os católicos dos protestantes, estes últimos adeptos de funerais ritualmente econômicos (REIS, 2012, p. 90).

Na esteira dos sistemas de crença professados pelos portugueses, a noção de *bem morrer* encontra forte relação com o tipo de morte experimentada pela Virgem Maria, amplamente cultuada em Portugal. O termo, Boa Morte refere-se 'à morte e subida aos céus de Nossa Senhora' (LESSA, 2012, p.70). A virgem, que teve a vida livre de pecado, não passou por nenhum

⁶ Segundo Reis (2012), as Ordens Terceiras seriam ordens religiosas conventuais (franciscana, dominicana, carmelita) que culminaria no seu maior prestígio.

conflito espiritual. 'Logo após a morte, seu espírito ascendeu para a glória, para a vida eterna' (LESSA, 2012, p.71).

Tradição do cristianismo ibérico, o culto Mariano atravessou o atlântico. No Brasil, conforme Lessa (2012), 'a devoção foi apropriada pelos negros, que após tantos maus tratos aspiravam uma boa morte, espécie de compensação e de libertação de uma vida sofrida e oprimida' (LESSA, 2012, p.71).

A Irmandade da Boa Morte de Cachoeira surge assim, como uma devoção negra feminina que embora apregoe uma forte vinculação com as práticas do catolicismo barroco, nutre também vasto vínculo com as práticas culturais e religiosas de matriz africana.

Para o contexto sociocultural de origem dessa Irmandade (primeiras décadas do século XIX) na Igreja da Barroquinha em Salvador, verifica-se a notoriedade das irmãs, pioneiras na fundação do primeiro candomblé⁷ na Bahia. O discurso autoafirmativo dessas mulheres, reverbera numa aparência prestigiosa e alguns registros históricos, revelam que esse corpus feminino gozava de certa autonomia social, econômica e religiosa. Evidenciando essa 'elite' feminina nagô-iorubá. Campos (2001) assim descreve essas mulheres:

Eram aquelas criaturas, negras do partido alto, endinheiradas, pimponas, as mais moças cheias de dengues [sic] e momices. Estonteava a indumentária custosa que então exibiam, a ourama profusa que traziam. Traziam a tiracolo uma fita larga de cetim branco, bordada a ouro" (CAMPOS *apud* SILVEIRA, 2006, p. 448).

O comportamento social possui estreita relação com o vestuário, que embora sintetize determinados contextos socio-históricos e culturais, reflete também singularidades presentes no modo de ser e de viver dos indivíduos.

As devotas dessa confraria organizam a quase dois séculos as festividades à Maria. Em Cachoeira a Festa da Boa Morte é um dos maiores eventos culturais e religiosos do Recôncavo Baiano. O vestuário é um espetáculo à parte, sua esteticidade e beleza cumpre ritos significativos dentro da concepção religiosa dessa confraria, dentre eles: *A Procissão de Enterro de Nossa Senhora*, a qual o método etnográfico, busca dar conta:

⁷ Segundo Silveira (2006), era denominado *Ìyá Omi Àsè Àirá Intilé*.

Em frente à capela, dezenas de pessoas aguardam ansiosas pela saída da Virgem. A preparação é feita exclusivamente pelas irmãs. São elas que fazem os últimos ajustes para saída do cortejo ao final da cerimônia litúrgica, celebrada pela autoridade católica. Num esquife ornado (com rendas e flores de tafetá branco), repousa a imagem de Nossa Senhora. Sobre o leito, o corpo da Virgem, devidamente acomodado, sendo possível identificar pequenos detalhes que me guiam sobre o mote da procissão que em breve sairá às ruas.

Pele clara e suave, cabelos naturais⁸, castanhos e volumosos, olhos fechados, esse é o semblante da Virgem Mãe; a sua feição preserva o frescor da vida como se estivesse em um sono sereno, porém profundo. Os braços estão assentados sobre o peito e as suas mãos estão unidas como em sinal de oração. A Virgem está vestida com uma túnica branca e usa um manto de cor púrpura, que possui delicados bordados com ramagens de flores e pedrarias.

Ao seu redor, mulheres negras de idade avançada, fitam a imagem da santa; suas mãos seguram tochas. As chamas das velas, pouco a pouco consumidas, se encarregam de iluminar a vigília do corpo presente. Cânticos e orações clamam por uma transição tranquila e por luz eterna à Virgem.

As vestes dessas senhoras transmitem o rigor de um momento solene. Saias plissadas, blusas, panos da costa e lenços presos na cintura com detalhes em richelieu⁹. Usam-se também poucos adereços, em geral contas brancas e prateadas. Encobrendo suas cabeças está o bioco, lenço branco que acompanha o contorno de suas faces até o arremate final, dado logo abaixo do queixo. O uso do acessório parece simbolizar recato, respeito, comedimento.

Na composição do traje é perceptível um contraste pela alternância entre o preto e o branco, também presente no piso da capela. Em um dos momentos mais significativos do dia, do ponto de vista simbólico e performático, procuro vê-las do alto e, sob o meu ângulo de visão, busco em uma fotografia capturar a expressividade desse momento. A estética da cena, que mais parece um tabuleiro de xadrez, se revela. Os movimentos dos corpos sobre o tabuleiro se

⁸ A imagem da virgem cultuada na Boa Morte nos dias de Anúncio da Morte, no Enterro e no dia da Glória é uma imagem que possui cabelos naturais, característica do Catolicismo Barroco, que enfatizava o aspecto dramático, emocional e estético da iconografia sacra.

⁹ Bordado, cujas características são atribuídas ao Cardeal Richelieu, membro da corte do Rei Luis XIII da França. O nome tem sua origem, no fato desse religioso ter criado, na época, oficinas para execução desse tipo de bordado para a monarquia. Disponível: <https://michelechristine.wordpress.com/os-bordados/richelieu/>. Acesso em: 20/02/2017.

posicionam numa configuração significativa: ao centro, a peça mais enigmática, a Rainha, e em torno dela os peões, ou melhor, uma irmandade de mulheres que irrestritamente protegem e zelam pela Virgem e por sua dormição.

Figura 1 - Irmãs na vigília à Virgem Maria, Cachoeira - BA, 2016.



Autoria: Vanhise Ribeiro.

Para saírem juntas da capela, as mulheres se enfileiram. Mais atrás, as irmãs da comissão organizadora da festa cobrem a imagem da Virgem com um véu e se encarregam de conduzir o esquife até a rua para darem início à procissão que anunciará a Morte Gloriosa da Virgem Santíssima¹⁰.

Em frente a capela um aglomerado de fotógrafos, cinegrafistas e turistas, buscam os melhores lugares para se posicionarem. Os sons dos cliques das máquinas fotográficas são uma constante. O assédio a essas mulheres, reverenciadas por suas práticas culturais e por sua estética singular é perceptível durante toda festa, principalmente durante as procissões.

O esquife é então passado pelas irmãs para as mãos dos devotos que conduzirão a santa durante a procissão, que tem como ponto inicial e final a Capela de Nossa Senhora da Boa Morte. Já idosas, as irmãs não suportam por muito tempo o peso do esquife, contudo, a saída e a entrada da santa na capela, o ritual exige que as irmãs o carreguem. Para a saída da procissão é

¹⁰ Um dos muitos títulos usados pelas tradições cristãs (tais como a Igreja Ortodoxa e a Igreja Católica) que fazem referência e homenagem à Maria, em geral, utilizados pela igreja, por devotos e fiéis. Tais títulos também são usados como forma de intercessão por causas diversas.

hasteado sobre a virgem, um pálio¹¹, espécie de toldo confeccionado com tecido nobre, carregado por quatro pessoas.

O traje de gala usado pelas irmãs da Boa Morte neste dia, expressa pudor e moderação, em virtude do estado de pesar pela morte da Virgem Maria. As peças desse vestuário unificam as irmãs enquanto agrupamento religioso feminino, desenhando a imagética da confraria diante do público expectador, ao mesmo tempo em que as diferenciam internamente no cortejo, distinguindo-as entre a situação de 'irmãs de bolsa' – iniciantes na confraria e caracterizadas por vestimentas exclusivamente brancas – e as irmãs veteranas¹². Assim, as roupas utilizadas nos dias de festejo salientam posições sociais e hierárquicas, além de expressar o modo de vida dessas senhoras, que cumprem anualmente seus rituais de fé, onde a roupa é também peça fundamental dos ritos sagrados dessa irmandade.

Da cabeça aos pés, todos os detalhes da indumentária dessa corporação, reafirmam sua identificação e pertencimento à cultura negro-africana, reflexo do trânsito atlântico, impulsionado pelo fluxo de escravos vindos da África e pelas correlações socio-históricas, políticas e culturais, advindas do processo de colonização brasileira pelo império lusitano. Tais aspectos, que salientam a correspondência desse traje à atributos da cultura africana e portuguesa, sintetizam também códigos e simbologias islâmicas, já que algumas regiões da Península Ibérica e da África, experimentaram a expansão dos domínios mulçumanos e o seu desenvolvimento comercial.

Destacamos ainda, o fato de que essas senhoras perseguem uma aparência calcada nos vínculos sociais dessa Irmandade, espelhando-se no vestuário pomposo do passado dessa congregação para refletir uma aparência resignificada pelas dinâmicas do presente. Vale destacar que essa aparência sofreu, ao longo de quase dois séculos, pequenas readequações.

A quantidade de tecidos e de peça que compõem as vestes da Boa Morte, pesa sobre os corpos de suas adeptas, dão volume aos seus contornos,

¹¹ Reis (2012) aborda o uso do pálio na obra de Jean B. Debret [Animada procissão do Viático] que retrata um cortejo, a pomposa procissão do viático, com a saída de uma comissão da igreja, composta por pároco, clérigos, soldados e músicos em direção à casa do moribundo para levar comunhão eucarística nos seus últimos suspiros de vida.

¹² Irmãs da Boa Morte que passaram por todo processo de iniciação nesta Irmandade, que tem duração de três anos. Após a iniciação a adepta ascende à posição de veterana, passando a usar o típico Traje de Gala, vestimenta mais pomposa e prestigiada dentro da corporação. Com o passar dos anos as irmãs veteranas passam a acumular experiência, sabedoria e respeito dentro da corporação.

e em alguma medida, configura uma outra forma de mobilidade. As ruas da cidade, impõem dificuldades, o calçamento de pedras e as muitas ladeiras exigem das irmãs uma caminhada lenta e compassada. Usam sapatilhas ou chinelos, antes denominadas chagrins, que ao longo dos anos foram se adequando a modelos em voga, privilegiando artigos leves e antiderrapantes.

Dentre os detalhes do traje, nota-se os fios de conta, brincos, colares, pingentes, medalhinhas, braceletes, etc. Alguns adornos funcionam como amuletos, outros guardam correspondência com uma divindade, dentro da filiação mítica e dos laços de devoção desses sujeitos para com o candomblé.

O tipo de adorno e a coloração dos mesmos, demonstram também o estado emocional performado pelas devotas de Nossa Senhora. Na Missa e Procissão em Memória das irmãs falecidas, ocorrida no primeiro dia do calendário litúrgico dos atos à Nossa Senhora da Boa Morte, o uso do branco nos trajes e adereços simbolizam o luto entre as suas adeptas.

O Pano da Costa, presente no vestuário da Boa Morte, por exemplo, é de origem africana. No Brasil foi amplamente consumido no século XIX, como um dos produtos mais requisitados pelas exportações africanas. A peça, bastante usual em diversas regiões da África (Costa do Marfim, Gana, Nigéria, Congo, Benin e Senegal), tem seus usos atrelados aos referenciais histórico-culturais e aos laços afetivos dos negro-africanos com a sua terra natal.

No segundo dia de celebrações, as irmãs da Boa Morte usam o Pano da Costa trespassado sobre os ombros, expondo sua face preta¹³, em sinal de consternação e tristeza, o bioco, por sua vez, é um adereço utilizado somente na Procissão de Enterro, trata-se de um elemento da cultura islâmica¹⁴, que deve cobrir a cabeça das irmãs e, no cortejo, se integra à expressividade dessas mulheres, que se apresentam prostradas pelo infortúnio anunciado.

De braços dados, as irmãs se amparam umas às outras e dão início ao rito fúnebre. A organização espacial do cortejo segue a seguinte ordem: à frente, um coroinha segura a imagem da cruz, logo atrás, de braços dados com

¹³ O pano da costa do Traje de Beca, utilizado pelas irmãs da Boa Morte de Cachoeira possui duas faces, que são expostas, conforme rigor ritual dos momentos solenes. Possui um lado vermelho, feito em cetim e o outro preto, em veludo.

¹⁴ Destacamos aqui a influência islâmica no vestuário da Irmandade, constituída nos seus primórdios por negras nagôs, de língua iorubá, advindas de regiões marcadas pela expansão mulçumana e, conseqüentemente, pelas influências da cultura islâmica.

cônego, as quatro irmãs da comissão organizadora da festa formam uma linha de frente, atrás as veteranas e por último as irmãs de bolsa. O percurso é indicado pelas irmãs da comissão e acompanhado pelas demais, juntas formam um bloco distinto e coeso em sua performance pelas ruas da cidade.

Nessa configuração, a imagem da Virgem vem em meio aos fiéis, que a carregam sobre os ombros e a aclamam por diversas vezes. Algumas pessoas tocam e beijam suas vestes, a reverenciam, pedem bênçãos e proteção e revezarem-se no carregamento do esquife. Por último, acompanhando o cortejo, uma Filarmônica com aproximadamente 30 músicos.

Em meio ao cortejo é possível ser tocada pelo silêncio inicial do séquito, que domina o espaço público. Aos poucos, a marcha fúnebre passa a ser tocada pela Filarmônica, o tom é de pesar. Ouve-se a trompa, o rufar dos tambores, um concerto compassado de instrumentos que se alia ao som dos sinos, que do campanário da Igreja da Matriz, dobram fúnebres com a passagem da procissão. O toque é agudo e pausado, a batida estrídula dos sinos é sentida no corpo, um tilintar duradouro que emite na linguagem sinfônica, um adeus; momento de grande pesar pelo infortúnio anunciado pelo séquito nas ruas da cidade. Em determinados momentos, as irmãs acompanhadas pelos fiéis entoam cânticos, solicitando o desejo de comunhão com Cristo e de bênçãos à missão que cumprem a cada ano.

O avanço da procissão pelas ruas da cidade se dá a passos lentos e comedidos. À luz de velas as irmãs vão abrindo caminho e ratificando o tom fatídico da procissão: o Enterro de Nossa Senhora. Suas feições são ponderadas e toda gestualidade coaduna com o rigor do ritual fúnebre. As velas iluminam o caminho e as faces de suas portadoras. São as irmãs que dão forma à imagem conceitual desse cortejo, que nos permite diversos olhares e considerações, chegando a evocar percepções, sentimentos, identificações, pertencimentos ou mesmo a ideia do que é ter uma experiência estética, noção tão cara à consumação da arte. Considero esta experiência, uma obra viva da cultura, sentida de forma autêntica a cada passo desse cortejo. (Trecho da observação participante feita no dia 14/08/2016).

Sobre essas mulheres, que a cada ano promovem à devoção mariana e com ela a multiplicidade de símbolos e signos, que fazem parte da sua estética, podemos dizer que, fervorosas em suas crenças, orgulhosas pela tradição que referenciam a cada ano, enérgicas nos papéis que desempenham para nutrir a amplitude da festa, as mulheres da Boa Morte não deixam de lado as suas vaidades, querem estar bonitas, bem vestidas e enfeitadas. Querem que a festa seja também um momento sublime de beleza e contemplação.

Portanto, nessa pesquisa, nos esforçamos para encontrar as linhas mestras dessa tessitura, acompanhar seus pontos correntes, suas trilhas e seus enlaces. Por isso, foi preciso olhar em perspectiva, perseguir a linguagem sensível e perceber os detalhes que contribuíram para inteireza do todo.

Considerações Finais

A presente dissertação teve como objetivo a compreensão do vestuário da Irmandade da Boa Morte de Cachoeira, no corpo a corpo das práticas religiosas e culturais agenciadas por essa congregação. Desse modo, buscamos analisar a importância que o vestuário religioso possui nos dias de festa à Nossa Senhora, evidenciando qualitativamente a expressividade e as dinâmicas de construção de sentido dessa confraria.

A Irmandade da Boa Morte é uma devoção negra feminina que professa, a quase dois séculos, a crença na Virgem Maria, exemplo de Grande Mãe, de fé inabalável, que protege seus filhos, intercedendo a Deus por eles. Para seus fiéis, Nossa Senhora transpôs a morte, sem sofrimento a partir de uma Dormição, alcançando a Glória, sem passar pelo purgatório.

A crença na Virgem Santíssima apoia-se na experiência dos negros escravos, que no Brasil aspiravam por liberdade, senão de corpo, de alma. A noção de *bem morrer*, ritualizada e celebrada pela Irmandade da Boa Morte de Cachoeira, tem suas origens no culto Mariano de tradição ibérica, nutrindo também, vasto vínculo com as práticas culturais e religiosas de matriz africana.

A Irmandade da Boa Morte de Cachoeira é composta por mulheres que professam a devoção à Nossa Senhora, mas também a crença nos orixás do candomblé, atributos que fazem parte da identidade e modos de vida das

irmãs, evidenciados, em grande medida, pelo vestuário traja, adorna, significa e expressa essa irmandade. Portanto, consideramos que o vestuário da Boa Morte reflete a complexa relação existente entre candomblé e catolicismo, afirmando-se no bojo das relações socio-históricas e culturais, que ao longo do tempo contribuíram para a construção da imagética dessa corporação.

A presente pesquisa abordou aspectos socioantropológicos que contribuíram para a composição da aparência dessa irmandade, atentando-se aos usos e (re)significações das peças e adereços dos trajes das irmãs, o que corrobora para o entendimento de que o *corpo vestido* e a estética singular dessa confraria obedece as dinâmicas socioculturais de construção de sentido.

Referências

- CIDREIRA, Renata Pitombo. **Os sentidos da moda**. São Paulo: Annablume, 2005.
- LE BRETON, David. **El sabor del mundo**: Una antropología de los sentidos. Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión, 2007, 367 p.
- LESSA, Luciana Falcão. **Senhoras do Cajado**: A Irmandade da Boa Morte de São Gonçalo dos Campos. Salvador: EDUFBA, 2012.
- MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**: por uma ética da estética. Petrópolis: Vozes, 1996.
- McLUHAN, Marshall. **Vestuário: extensão de nossa pele**. In: Os meios de comunicação como extensões do homem. Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1964, p. 140-143.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins, 2006.
- REGINALDO, Lucilene. **O Rosário das Angolas**: Irmandades de Africanos e crioulos na Bahia setecentista. São Paulo: Alameda, 2011.
- REIS, João José. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- SILVEIRA, Renato da. **O candomblé da Barroquinha**: Processo de constituição do primeiro terreiro baiano de Keto. Salvador: Edições Maianga, 2006.
- STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx**: roupas, memória e dor. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, 2ª ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2004.